

“ALGUMA TERRA BEM DISTANTE ONDE REINA UM SERTÃO CONSTANTE”: AS INTERAÇÕES DO VIAJANTE BRITÂNICO ALFRED RUSSEL WALLACE COM A NATUREZA E AS SOCIEDADES TRADICIONAIS DO RIO NEGRO

CARLA OLIVEIRA DE LIMA*

RESUMO

Este trabalho aborda as interações do viajante naturalista Alfred Russel Wallace com o meio ambiente e com os modos de vida das sociedades tradicionais amazônicas. Por meio do exame dessa relação busca-se recuperar o cotidiano das viagens de coleta desse naturalista independente. Neste ponto, deve-se observar que Wallace, embora estivesse consciente de pertencer a um “centro” de irradiação de “civilização” e “progresso”, não ousou atravessar as regiões interiores do país sem contar com as estruturas sociais já estabelecidas. A condição de viajante coletor lhe permitiu que interagisse com o meio ambiente e as dinâmicas daquela sociedade. Portanto, esta proposta de trabalho com viajantes busca observar as interações desse homem da “ciência” com a realidade da região e, ainda, de que modo estas foram cruciais para o sucesso de seu trabalho de naturalista.

PALAVRAS CHAVES: A. R. Wallace. Viagem. Interação.

ABSTRACT

This study is aimed at Alfred Russel Wallace's interactions with the environment and living ways of traditional Amazonian societies. On the one hand, the examination of these relations recovers the daily routine of journeys for naturalistic collection and, on the other hand, opposes the experiences of this independent collector in natural history to those of other foreign travelers. It is noteworthy that, though conscious of belonging to an irradiation “center” of “civilization” and “progress”, Wallace did not dare cross the country's inland without counting on the already established social structures. His traveling-collector condition allowed him to interact with the environment and the dynamics of that society. Therefore, this study proposal aims to understand the interactions of this man of “science” with the regional reality and how crucial they were for the success of his naturalistic work.

KEY WORDS: A. R. Wallace. Travel. Interaction.

* Doutoranda em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz; e-mail: climaster@gmail.com

INTRODUÇÃO

Alfred Russel Wallace foi um naturalista britânico que escolheu percorrer regiões tropicais como a Amazônia e o Arquipélago Malaio para coletar espécies desconhecidas para o mundo temperado europeu. Na segunda metade do século XIX, tornou-se famoso nos círculos de estudiosos e interessados em história natural, principalmente após ter desenvolvido, independentemente de Darwin, a ideia da evolução dos seres vivos pela seleção natural. O evento que o envolveu com a teoria da evolução é um clássico para a história da biologia: em 1858, Darwin recebeu em sua casa de campo um esboço de artigo de um jovem naturalista que coletava espécies para história natural no Arquipélago Malaio. Essa correspondência resumia em poucas palavras a teoria que Darwin havia trabalhado por mais de 20 anos e nunca tivera coragem de publicar. Esse jovem naturalista era Alfred Russel Wallace. Em pânico, Darwin consultou seus amigos mais próximos: o geólogo Charles Lyell e o botânico Joseph Hooker, filho do diretor do Kew Gardens, a fim de resolver o problema sobre a prioridade da teoria. Foi Lyell que propôs o arranjo de realizar uma comunicação conjunta das ideias de Wallace e Darwin na Linnean Society de Londres. Motivado por esse evento, Darwin apressou-se em publicar sua longa obra em menos de um ano, em novembro de 1859. Wallace nunca foi consultado sobre esse arranjo. Em todo esse período permaneceu “nos trópicos” e só retornou à Inglaterra em 1862.

No entanto, para além da ligação de seu nome com a teoria da evolução, este estudo pretende examinar de perto as experiências cotidianas desse naturalista britânico pela região amazônica. Busco com isso pensar sobre as experiências de estrangeiros que escolheram percorrer o rio Amazonas e seus tributários, para além da imagem canônica do herói desbravador e/ou do cavalheiro vitoriano bem-educado que não altera seu comportamento de acordo com o meio. Ao contrário, os viajantes estrangeiros que escolheram o Brasil, mais especificamente o extremo Norte do país, para ter sucesso em seu empreendimento de viagem e satisfazer suas ambições por espécies da fauna e da flora, foram obrigados a estreitar laços com as sociedades tradicionais e aprender técnicas e hábitos locais mais adequados para sua sobrevivência¹. Sobre esse aspecto, o presente texto começa com

¹ Sobre os contornos que a colonização lusitana assumiu no extremo Norte do Brasil, o naturalista suíço Louis Agassiz observou em sua passagem pela região do rio

as seguintes indagações: De que forma as “forças” da natureza atuaram sobre seus itinerários de viagem? Que utensílios mentais foram usados por esses homens para se relacionar com o meio ambiente desconhecido? Como os nativos e os agentes coloniais funcionaram como mediadores para o mundo que Wallace e Bates pretendiam descortinar?

A. R. WALLACE E A PULSÃO DE VER COM OS PRÓPRIOS OLHOS

Para responder às indagações acima propostas deve-se primeiramente observar o contexto político que motivou o interesse de muitos estrangeiros pelo Brasil. Como vem sendo reiterado pela atual historiografia, a vinda de estrangeiros para o Brasil passou a ser admitida mais livremente por conta das reformas econômicas e administrativas promovidas pelo príncipe regente D. João. Assim, uma das suas primeiras ações foi conceder a forasteiros a licença de “participar da exploração de ouro e de outros minérios” (LISBOA, 1997, p. 29). Entre os estrangeiros que visitaram o Brasil, os britânicos desfrutaram de apreço especial pela Casa Real, tendo em vista os laços comerciais estabelecidos entre Inglaterra e Portugal desde 1810 (BASILE, 1990, p. 189-190). A celebração desse tratado demonstra o quanto o Brasil era econômica e intelectualmente influenciado pelos ingleses, razão pela qual fizeram destes “os primeiros a lançar publicações sobre o país” (LISBOA, 1997, p. 29-30).

É nesse contexto que, no dia 26 de abril de 1848, um navio mercante de bandeira britânica aportou na ilha de Marajó, situada na Província do Pará. A bordo encontravam-se dois curiosos passageiros, cujas bagagens carregavam redes e caixas de colecionadores, armas, equipamentos para acampamento, instrumentos diversos como lente, bússola, sextante, barômetro, termômetro (CAMERINI, 1996, p. 47). Além desses objetos, cada

Solimões em 1865 os seguintes aspectos: “Não somente a população branca é muito escassa para suprir a tarefa que tem diante de si, como essa população não é menos pobre em qualidade do que reduzida em quantidade. Ela apresenta o singular fenômeno numa raça superior recebendo o cunho numa raça inferior, numa classe civilizada adotando os hábitos e rebaixando-se ao nível dos selvagens. Nas povoações do Solimões, as pessoas que são consideradas como aristocracia local, a aristocracia branca, exploram a ignorância do índio, ludibriam-no e embruteçam-no, mas tomam não obstante os seus hábitos e, como ele, sentam-se no chão e comem com as mãos [...]. Os norte-americanos e os ingleses poderão ser bastante sórdidos em suas transações com os naturais do país; o tráfico das ‘peles azuis’ não lhes deixou certamente com as mãos limpas, mas não queriam se abaixar a adotar-lhes os costumes” (AGASSIZ; AGASSIZ, 2000, p. 239).

um deles levava consigo um diário, no qual anotavam todas as suas sensações e expectativas em relação aos seus primeiros vislumbres de uma região tropical. Os dois passageiros eram Henry Bates e Alfred Wallace. Ambos escolheram viajar juntos para o extremo Norte do Brasil, banhado pelo rio Amazonas e seus tributários, para satisfazer suas ambições pelas “riquezas” naturais e/ou imaginárias sobre essa região.

Essa pulsão de “ver com os próprios olhos” a natureza tropical da América do Sul expressada pelos dois naturalistas em suas narrativas de viagem não apenas se relaciona com o legado imagético e intelectual deixado pelo célebre naturalista Alexander Von Humboldt, cujos escritos informaram e formaram a imaginação de muitos europeus sobre os “trópicos”; mas, sobretudo, a escolha dos dois jovens pela Amazônia foi influenciada por uma publicação americana de 1847, de autoria de W. H. Edwards. Este último percorreu a região por seis meses no ano de 1846, em companhia de seu pai, Amory Edwards, cônsul dos Estados Unidos em Buenos Aires. No relato *A voyage up the river*, Edwards indica as principais qualidades que um viajante “amante da natureza” poderia encontrar na Amazônia, qual seja: o fácil acesso, o clima saudável, e principalmente, o fato de ser uma região quase inexplorada:

To the science of a naturalist he makes no pretensions, but, as a lover and devout worshipper of Nature, he has sought her in some of her most secret hiding-places, and from these comparatively unexplored retreats, has brought the little which she deigned to reveal to him.

The country of the Amazon is the garden of the world, possessing every requisite for a vast population and an extended commerce. It is, also, one of the healthiest of regions; and thousands who annually die of diseases incident to the climates of the North might here find health and long life.

If this little book shall contribute to a more general knowledge of the advantages of such a country, the labour of its preparation will be amply repaid (EDWARDS, 1847, p. iv).

Logo, as motivações de Wallace e Bates em escolher um ponto específico no Novo Mundo, a região banhada pelo Amazonas, pode ser explicada por três razões básicas: o fato de o próprio Humboldt não ter conseguido explorar o rio Amazonas; a questão de não ter se estendido ao rio Amazonas – que continuou fechado para a navegação estrangeira até as últimas décadas do século XIX – a abertura dos portos brasileiros por D. João em 1811, e o mais importante: quando comparada a outras regiões da América do Sul,

a Amazônia não havia sido amplamente “coletada”.

Assim, não foi por acaso que Wallace, em 1847, propôs a Bates que transferisse seus esforços de coleta para o “continente proibido” da América do Sul, onde poderiam “ganhar a vida” com a coleta de objetos de história natural. A leitura do livro do americano William H. Edwards – *A voyage up the Amazon, including a residence at Pará* também foi um fator importante para a nova empreitada dos coletores. Tal livro, ao mesmo tempo em que aguçava a curiosidade sobre o Novo Mundo, também dava indicações a outros naturalistas amadores sobre as vantagens de percorrer a região, garantidas pela hospitalidade da população local e pela economia de recursos dispensados para se viver e viajar nesse espaço (CAMERINI, 2002, p. 61). Assim expressou Wallace: “I decided upon going there, both on account of its easiness of access and little that was know of it compared with most other parts of South America (WALLACE, 1889, p. xi). Além disso, a ênfase em uma natureza quase intocada motiva-os a explorar a região também para responder a uma inquietação intelectual relatada por Wallace em uma carta para Bates em 1847, escrita logo após ter lido a narrativa de Edwards:

I begin to feel rather dissatisfied with a mere local collection; little is to be learnt by it. I should like to take some one family to study thoroughly, principally with a view to the theory of the origin of species. By that means I am strongly of opinion that some definite results might be arrived at. (WALLACE, 1847).

PONTOS DE ANCORAGEM

Os olhos dos dois amigos foram satisfeitos por uma paisagem tropical após 29 dias de viagem, numa manhã de maio de 1848, com a chegada do navio mercante que os trouxe de Liverpool a Salinas, vila situada na província do Grão-Pará. Esse ponto de ancoragem esclarece que a província do Grão-Pará durante o século XIX é um dos principais roteiros de entrada para viajantes² que tivessem como objetivo penetrar para o interior da região amazônica. Como revela a maior parte das narrativas de viagem, o viajante que pretendesse adentrar a Amazônia durante o oitocentos

² Além de Bates e Wallace, também estiveram na região no mesmo século os viajantes de origem britânica Henry Lister Maw (1827-1828), William J. Burchell, (1829), Herbert H. Smith (1834-35), Richard Spruce (1849-64), Stewart Clough e James W. H. Trail (1867-73).

deveria tomar uma embarcação de pequeno porte, movida a vela e a remos, contornar o litoral da ilha de Marajó e atravessar um estreito canal que forma comunicação entre os rios Pará e Amazonas. Seguindo tais caminhos era possível penetrar até a bacia principal do rio-mar, sendo o primeiro ponto de ancoragem a cidade de Santarém, na barra do Tapajós. Daí, o próximo destino era Manaus (ou Cidade da Barra, como era conhecida até a primeira metade do século XIX), onde as águas do Rio Negro e Solimões se encontram.

Os dois coletores ingleses passaram os primeiros meses trabalhando juntos. Sua primeira base de coleta foi nos arredores de Belém. As primeiras incursões e a familiaridade com a região só se tornaram possíveis por meio das primeiras interações sociais estabelecidas com comerciantes e donos de plantações e pastos de origem anglo-saxônica. Por meio desses estrangeiros estabelecidos na região, os dois coletores puderam se comunicar em língua inglesa, colher informações sobre espécies e a geografia da região, definir roteiros de exploração por trilhas da mata adentro, contratar os serviços das gentes locais (mestiços, mulatos, indígenas e negros) e encontrar residência. Não ao acaso, essa rede de sociabilidade levou-os a alugar uma “rocinha” na localidade de Nazaré, próxima à casa que abrigou seus famosos predecessores, os naturalistas bávaros Spix e Martius, conforme relata Bates:

Atrás do sítio eu descobri, após vários dias de exploração, uma série de atalhos na mata, que iam desembocar em Una; a meio caminho dali ficava situada a casa na qual moravam os célebres viajantes Spix e Martius durante sua estada no Pará, em 1819. A propriedade se achava agora em mau estado de conservação, com suas plantações invadidas pelo mato (BATES, 1979, p. 32).

Após a primeira grande exploração de Wallace e Bates no rio Tocantins, depois de um ano juntos, a dupla de coletores separou-se definitivamente: enquanto Wallace concentrou seu trabalho de campo no alto rio Negro, Bates, por sua vez, estabeleceu-se em pontos díspares ao de seu companheiro, fundamentalmente no baixo, médio e alto Amazonas. As razões dessa decisão nunca foram bem esclarecidas. O fato é que a decisão de colecionar por diferentes pontos em separado pode estar relacionada com dois eventos: o primeiro coincide com a chegada do irmão mais novo de Wallace, Herbert, em 1849, o qual veio ajudar Wallace em suas coleções; outro motivo aponta para a finalidade da escolha de

diferentes pontos de coleta na Amazônia com a ambição de ampliar o horizonte de espécies.

Além disso, o mesmo navio tomado pelo irmão de Wallace trouxe também como passageiro o botânico coletor Richard Spruce. Os irmãos Wallace, Bates, Spruce e seu assistente Robert King foram contemporâneos na Amazônia da metade do século XIX e formaram o que alguns estudiosos dos viajantes denominam “triumvirato de naturalistas autodidatas” (RABY, 1996; CAMERINI, 2002), pois os três primeiros são considerados os maiores representantes da história natural britânica a coletar na região amazônica de forma independente (PAPAVERO, 1973; SÁ, 1995; RABY, 1996). No entanto, os diversos encontros entre Wallace e Spruce na região demonstram que, para além de seus interesses em comum em história natural, os dois estabeleceram uma relação de amizade que duraria várias décadas. Possivelmente o aprofundamento dessas afinidades seja mesmo o ponto-chave para se entender determinadas escolhas no trabalho de campo, pois, diferentemente de Bates, que preferiu subir o rio Amazonas, Spruce e Wallace escolheram seguir até o alto rio Negro.

IMPACTOS E INTERAÇÕES COM O MEIO AMBIENTAL E HUMANO

Sobre essas relações, Jane Camerini observa que muitas amizades forjadas e testadas nos trópicos amazônicos foram reforçadas pelo interesse em comum na natureza, mas também pelas circunstâncias perigosas impostas pelo meio àqueles indivíduos (2002, p. 64). Desse modo, observa-se que ao longo dos anos o triumvirato britânico (Bates, Wallace e Spruce) não apenas morou, excursionou, coletou, tomou nota e refletiu sobre a natureza equatorial da região banhada pelo rio Amazonas, mas igualmente solidarizou-se diante de muitas privações impostas pelo ambiente aos viajantes, tais como doenças, acidentes, pragas de insetos, deserções de índios contratados, escassez de comida – sobretudo de origem europeia – e do clima que danificava suas coleções. Pode-se ainda atestar essa rede de solidariedades através do episódio que noticiava a doença de Herbert Wallace, narrado por Alfred:

On the 15th September, exactly a fortnight after leaving São Joaquim, we arrived safely at Barra [atual Manaus]...I **found that my friend Mr. Spruce was in the city, being a prisoner there, as I had been at Guia, for want of men. He occupied a house, made classic to**

the Naturalist by having been the abode of Dr. Natterer, where he kindly accommodated me during my stay, which I intended should be as short as possible. **Bad news was awaiting me from Pará. Letters**, dated more than three months back, from my correspondence, **Mr. Miller, informed me of dangerous illness of my brother, who had been attacked by yellow fever**; and when canoe left, which brought the letter, was exhibiting such symptoms as left little hope of his recovery (WALLACE, 1889, p. 222-223 – grifos meus).

Nesse sentido, para além do impacto visual de apreciar uma paisagem oposta ao mundo temperado europeu, esses homens se depararam com suas próprias limitações biológicas em relação a doenças, ao clima e à geografia da região. O mesmo ocorreu quando Wallace excursionou pela região do rio Uaupés e sofreu com ataques intermitentes de febre, possivelmente vítima de malária:

After a few days, the **violence of the fever abated**, I thought I was going to get over it very easily; but such a note the case, for every alternate day I experienced a great depression, with disinclination to motion: this always followed a feverish night... **The weakness and fever, however, increased, till I was again confined to my *rédê***, – could eat nothing, and was so torpid and helpless, that **Senhor L., who attended me, did not expect me to live**. I could not speak intelligibly, and had not strength to write, or even to turn over in my hammock. A few days after this, **I was attacked with severe ague**, which recurred every two days (WALLACE, 1889, p. 234 – grifos meus).

O Senhor L, referido na citação, é João Antônio Lima, um regatão³ que vivia da troca de mercadoria entre as populações do alto rio Negro. Assim, no período em que sofreu com a doença, o viajante inglês foi ajudado por essa amizade também feita durante sua viagem. Wallace tinha o plano de coletar na região novas espécies de pássaros, borboletas e peixes nesse “remoto e desconhecido distrito” (WALLACE, 2002, p. 81), entretanto, devido a “desafortunada e inesperada doença” seu corpo encontrava-se tão fraco que seu trabalho foi interrompido por 15 dias, o que o impediu de conseguir um maior número de espécies na estação de grande abundância biológica.

³ O regatão na Amazônia é o pequeno comerciante que entra nos rios e igarapés com sua pequena embarcação carregada de miudezas, oferecendo esses produtos aos moradores dos rincões da região. Troca – mais que vende – produtos industrializados por espécies valiosas da floresta

Mas, além de doenças, o trabalho levava seu corpo a ficar exposto a ataques de insetos. Na vila de Javita, em território venezuelano, por exemplo, enquanto Wallace aproveitava a luz da tarde para fazer esquemas, preparar e empalhar espécimes, as inconvenientes mutucas, uma espécie de mosca, atacavam suas mãos e pulsos “que ficavam vermelhos e inchados como uma lagosta cozida” (WALLACE, 2002, p. 92). O clima era outro fator determinante para seu trabalho de coletor. Em 1850, em Barra do Rio Negro (atual Manaus), Wallace novamente tem seus planos frustrados devido ao tempo úmido e chuvoso da estação, fazendo-o esperar por seis “enfadonhos” meses para subir o Rio Negro.

Wallace explorou as regiões ao longo do Rio Negro, alcançando a vila de San Carlos, na Venezuela, o ponto alcançado por Humboldt e Aimé Bonpland, na direção oposta, cinquenta anos antes. Foi nesse local que Wallace não apenas encontrou e descreveu pelo menos três novas espécies de palmeiras, mas também decidiu abandonar o seu plano de subir até os Andes. No entanto, para alcançar o ponto mais extremo de sua viagem, Wallace precisou estabelecer relações de amizade, negociações com os nativos e integrar-se às estruturas materiais e coletivas do mundo que pretendia explorar. Por esta razão, a expectativa de Wallace de seguir para o Rio Negro só pôde ser satisfeita após conhecer seu amigo, o português Senhor Lima.

Como se sabe, até o período que esse viajante excursionou pela Amazônia (1852), não havia um serviço regular para passageiros e nem o advento do vapor. A tarefa de transportar gente e mercadorias pelos rios da região cabia a barcos e canoas de diferentes tamanhos, geralmente pertencentes a regatões. Tais embarcações eram movidas a vela, a sirga e a remo (LOUREIRO, 2007, p. 173-174). O Senhor Lima era um desses experientes negociadores de produtos com as populações do rio Negro; e seria esse indivíduo que iria orientar e introduzir Wallace nas estruturas sociais vigentes no rio Negro: Lima não apenas concedeu passagem a Wallace na embarcação de sua propriedade; também ensinou ao naturalista a “arte” da negociação e persuasão das populações indígenas. Wallace assim descreve a embarcação pertencente ao regatão português:

I found our canoe a tolerably roomy one, it being about thirty-five feet long and seven broad. The after-part had a rough deck, made of palm-stems, covered with a tolda, or semicircular roof, high enough to sit up comfortably within it, and well thatched with palm-leaves [...]

the canoe was well loaded with all the articles most desired by the semi-civilised and savage inhabitants of the Upper Rio Negro. There were bales of coarse cotton cloth and of the commonest calico, of flimsy but brilliantly coloured prints, of checked and striped cottons, and of blue or red handkerchiefs. Then there were axes and cutlasses, and coarse pointed knives in great profusion, fish-hooks by thousands, flints and steels, gunpowder, shot, quantities of blue, black, and white beads, and countless little looking-glasses; needles and thread, and buttons and tape were not forgotten (WALLACE, 1889, p. 133-134).

A “arte” de persuadir e negociar com os indígenas era uma constante na viagem de Wallace, pois ultrapassar obstáculos naturais, encontrar comida e coletar espécies desconhecidas, remar, carregar e descarregar a canoa só era possível por meio da mão de obra indígena. Era parte essencial nas estruturas econômicas e de trabalho das províncias do extremo Norte do Brasil oitocentista. Nesse período, eram os indígenas que serviam como pescadores, agricultores, empregados domésticos, guias, recrutas e trabalhadores de obras públicas e particulares.

A canoa do Senhor Lima, carregada de objetos apreciados por aquelas populações, oferece indícios de como se davam as relações do indígena oitocentista com outros segmentos sociais na administração imperial: em troca de vestuário, quinquilharias, bebidas e mercadorias diversas, os homens da terra entregavam sua produção artesanal e extrativa a regatões, diretores de índios etc. (LOUREIRO, 2007, p. 53). Por falta de espaço, não irei aqui aprofundar aspectos relativos à exploração e submissão dessa força de trabalho por agentes da administração imperial, dos quais Wallace foi testemunha ocular. Ressalta-se apenas que esse naturalista britânico era dependente de tais relações para se deslocar de um ponto a outro na sinuosa geografia amazônica, conseguir informações e coletar espécies, bem como para alimentar-se, habitar e descansar.

Seu trabalho diário de encontrar, coletar e preparar espécies para a coleção era facilitado ou limitado pelas interações que constituía com as povoações ao longo do trajeto. Desse modo, seus escritos de viagem enfatizam a dificuldade e os transtornos em encontrar homens que pudessem ajudá-lo na viagem. E entre as cenas que descreve, as várias deserções e resistências dos indígenas a seguir viagem, há outras que descrevem a importância da assistência indígena para vencer obstáculos e encontrar espécies. Na subida do Rio Negro, região acidentada por rochas e

inúmeras cachoeiras, o naturalista observa que o deslocamento e a ultrapassagem das rochas e quedas d'água só foram possíveis graças aos esforços dos indígenas. Além disso, os recursos e expedientes dos indígenas para viajar, segundo Wallace, pareciam mais adequados à acidentada natureza daquela região, por isso observou:

Senhor Antonio informed me that, owing to the lowness of the water, I could not go on any further in my canoe, and must therefore get an Indian *obá*, of one piece of wood, to stand the scraping over the rocks up to Pimichin; so, on the 13th, I left Tómo with senhor Antonio in his canoe, for Maroa, a village a few miles above, where I hope to get an *obá* suited for the remainder of the journey (WALLACE, 1889, p. 164).

O historiador John Monteiro, em artigo original, oferece alguns subsídios importantes sobre o modo como devemos pensar o papel das populações nativas junto aos interesses dos europeus no Brasil. Para esse autor, “não se pode tratar as sociedades indígenas como culturas locais em isolamento”, nem “apenas a partir de relações entre sociedades subalternas e as estruturas de dominação e de poder” (MONTEIRO, 2010, p. 4). Para além dessas relações, existiu “ação consciente, a contestação e a criatividade cultural indígena” ante a ação colonizadora europeia. Nessa perspectiva, a renovação na história indígena caminha na direção de observar, por exemplo, a colaboração indígena com interesses metropolitanos não como “mera manipulação das lideranças nativas”, mas antes “tratava-se da apropriação por algumas dessas lideranças de símbolos e dos discursos dos brancos para buscar um espaço próprio no Novo Mundo que pouco a pouco se esboçava” (MONTEIRO, 2010, p. 25). Nesse processo, há uma miscelânea de elementos identitários que mescla o passado pré-colonial com o presente pós-colonial, elementos cristãos e nativos.

Nesses termos, Monteiro sublinha o desgosto expressado pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que, ao visitar a região de Monte Alegre e Santarém, no Pará, deparou-se com uma produção de cuias por índias, que chegavam ao montante de “5 a 6000 cuias” destinadas ao comércio com os brancos, as quais “alcançavam de 100 a 120 réis conforme o tamanho, a pintura, a qualidade, se é lisa ou de gomos...”, sendo que “as índias que sabem que os brancos as compram, tratam de as trabalhar e aperfeiçoar” (MONTEIRO, 2010, p. 22). Por outro lado, “as índias reservavam uma parte da produção para fins próprios, com

implicações não apenas materiais como também simbólicas” (op. cit., p. 23)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O naturalista britânico viajou por uma região que possuía uma complexa malha de interações sociais tecida antes e depois dos primeiros tempos de colonização. Nem Wallace, nem qualquer outro viajante estrangeiro, poderiam ignorar o fato de que o conjunto de recursos intelectuais e técnicos europeus para uma viagem naturalista não seria suficiente para obter sucesso em sua jornada de campo. Para alcançar seus objetivos, esses viajantes foram obrigados a estreitar relações com as mais variadas categorias sociais: agentes de vendas de seus objetos de coleta em Londres, comerciantes estrangeiros radicados no Brasil, agentes coloniais e principalmente nativos.

Desse modo, foi em busca da compreensão sobre as razões que levaram muitos estrangeiros a escolher o Brasil, sobretudo a região atualmente designada por Amazônia, que escolhi inquirir sobre a trajetória de Alfred Russel Wallace. Essa escolha se deveu a dois aspectos: em primeiro lugar, a ampla utilização de seus relatos por historiadores e cientistas sociais; em segundo, porque, apesar de Wallace ter se dedicado a percorrer a região amazônica por quatro anos, poucas análises brasileiras se preocuparam em inquirir sobre o resultado de suas incursões para as instituições europeias e para as próprias trajetórias (de classe, intelectual ou de carreira) desse indivíduo. Assim, minhas perguntas iniciais buscaram avaliar quais eram suas preocupações, impactos sofridos e tipos de interações que estabeleceu na região amazônica.

Destarte, a recente comemoração dos 150 anos da teoria do evolucionismo resultou numa redescoberta de seu co-fundador Alfred Russel Wallace. Com isso, alguns estudos, mais vinculados ao campo da biologia, exaltaram a importância de Darwin, mas também de Wallace (o herói esquecido ou outro pai da evolução como expressou um artigo do jornal *O Estado de São Paulo*⁴), e, em menor grau, a contribuição de Bates para a consolidação da tese que “iluminou” o campo da biologia e da biogeografia. Nesses termos, Wallace foi exaltado por ter descoberto independentemente de Darwin a ideia de seleção natural, a chave que faltava para a

⁴ Artigo disponível em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=57006>. Acesso em: 10 out. 2007.

compreensão da evolução da vida; Henry Bates, em menor escala, foi igualmente lembrado por ter descoberto a teoria do mimetismo entre os insetos. No entanto, algumas dessas abordagens se limitam a apresentar as trajetórias intelectuais desses indivíduos como parte do progresso da ciência moderna e/ou a enfatizar a importância de se estudar os seus relatos de viagem para explicar de que forma a Amazônia foi usada “como objeto da investigação científica e como fonte de conforto e prazer estético” (ALVES, 2011) por esses “sábios”.

Meu desafio aqui empreendido consiste em ir além dos episódios que os tornaram famosos; em sair da *caixa preta* (LATOIR, 2000) do fato científico consumado e da simples exaltação da genialidade desses sujeitos, e observar de que forma Wallace interagiu com a natureza e com a sociedade que visitou em meados do século XIX no Brasil, buscando compreender que níveis de aprendizado, trocas materiais e de ideias foram estabelecidos em zonas de contato. Assim, o cotidiano das viagens, a rede de relações traçadas antes e no interior da Amazônia por Wallace revelam como a prática científica (assim como outras dimensões da modernidade) resultam de interações, negociações e consensos estabelecidos tanto pela atividade científica como por fatores extracientíficos (social, econômico, cultural). Além disso, o trabalho de campo de Wallace na Amazônia mostra não apenas que a atividade científica percorre vários caminhos, mas principalmente que ela é antes de tudo um trabalho coletivo.

REFERÊNCIAS

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Brasília: Senado Federal, 2000. p. 239.

ALVES, José Jerônimo de Alencar. A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p.775-788, jul.-set. 2011.

BASILE, Marcello O. N. de. Império brasileiro: panorama político. In: LINHARES, Maria Yeda (org.). *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 189-190.

BATES, Henry W. *Um naturalista no Rio Amazonas*. São Paulo: Itatiaia, 1979.

CAMERINI, Jane R. *The Alfred Russel Wallace reader: a selection of writings from field*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 2002.

CAMERINI, Jane. Wallace in the field. *Osiris*, 2ª série, v. 11, Science in the Field 1996.

EDWARDS, W. H. *A voyage up the River Amazon*. Nova York: Murray, 1847.

LATOURE, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2000.

LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.

LOUREIRO, José S. *História da navegação no Amazonas*. Manaus: Lorena, 2007.

MONTEIRO, John. *Entre o etnocídio e a etogênese: identidades indígenas coloniais*. (no prelo), 2010. p. 4.

OLIVEIRA FILHO, João P. Elementos para uma sociologia dos viajantes. In: OLIVEIRA FILHO, João P. (org). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio Gutierrez. Bauru: EDUSC, 1999.

RABY, Peter. *Bright paradise: Victorian scientific travellers*. Princeton University Press, 1996.

REIS, Arthur César. *A Amazônia e a cobiça internacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

SÁ, Magali Romero. *James William Helenus Trail: a British in Nineteenth-Century Amazonia*. Tese [Doutorado]. UK: University of Durham, 1995.

WALLACE, A. R. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro: with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology, and natural history of the Amazon valley*. 2. ed. London: Ward, Lock and Co., 1889.

FONTES DIGITAIS

BRITISH MUSEUM (Natural History) – Wallace Collection: <http://www.nhm.ac.uk/research-curation/library/library-archives/catalogue/search.html>

CHARLES SMITH'S HOME PAGE – The Alfred Russel Wallace page: <http://people.wku.edu/charles.smith/index1.htm>

PROJECT GUTENBERG: <http://www.gutenberg.org>

WALLACE FOUNDATION: <http://wallacefund.info/en/e-mail-dr-george-beccaloni>

O ESTADO de São Paulo. <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=57006>